



Para o estudo das tradições populares

Dirigida por José da Silva Vieira

CORRECÇÕES

Resposta ao artigo publicado
na «Independencia» da Povoia
de Varzim, sob o título
«correções»

(Continuado do n.º 4)

IV

D'aqui passemos para o Fundão, e tratemos agora de averiguar contas com o nosso amigo Armando da Silva, um dos mais conspicuos collaboradores da *Revista do Minho*, e de quem temos recebido sinezas importantes. Por tal motivo, a nossa estima e consideração. Não se assuste o amigo nem tampouco lhe dê cuidado, pois o que vamos expôr é apenas para provar ao nosso amigo Landolt, que as canções, simplesmente por se parecerem umas com as outras, não é motivo para se dizer que este ou aquelle as copiou, e por tanto taxal-o de copiadador. Transcreveremos aqui algumas das suas canções, que copiamos de um artigo publicado no *Correio Mi-*

chaense de Ponte Delgada, anno de 1889, do qual o nosso distincto amigo era director, e que sahio publicado debaixo do titulo: *Folk-lore do Fundão* (artigo II *Amostra da poesia popular fundalense*). Principiaremos pela transcripção da cantiga 3.^a da sua collecção, que diz assim:

O anel que me tu deste
Era de vidro quebrou-se.
O amor que me tú tinhas
O anel o demonstrou.

Em 1885, a pag. 24 da *Revista do Minho*, publicamos nós no *canc. Minholo*, versão de Barcellos, uma cantiga com o n.º 74, que diz assim:

O anel que me tú destes,
Era de vidro quebrou,
O amor que me tú tinhas,
O anel o *demonstrou*.

A publicação d'esta cantiga foi feita em 1885, e a do nosso amigo em 1889, quatro annos depois da nossa; portanto, pensando do mesmo modo que o sr. Landolt, parece que se não foi copiada, deveria ser uma variante da nossa, e portanto annotada.

Em março de 1888, publicamos tambem no mesmo *C. M.*, n.º 12, 3.º anno da *Revista* (cancão com o n.º 220 que diz:

O meu amor pediu-me hontem
Que por elle não chorasse,
Que lhe estava dando pennas,
Que o não mortificasse.

Agora diz o sr. Armando da
Silva, na mesma collecção, can-
ção n.º 5:

O meu amor foi-se, e disse
Que por elle não chorasse;
Já que lhe não dava alivio
Que o não mortificasse.

Eis aqui duas canções que
tem muita relação, apezar de se-
rem colhidas em dous pontos
diferentes e bastante retirados
um do outro. Coisas.

Agora *minha mãe logo á noi-
te*,—cá temos outra, mas esta co-
piada já em segundas nupcias, é
nem mais nem menos, o que diz
o sr. Armando da Silva na can-
ção n.º 8. Repete-a A. Fortes, e
antes d'estes dous já nós a tinha-
mos recolhido em Barcellos. Ora
vejam; tem primeiro lugar a de
A. da Silva:

Minha mãe, logo á noite:

—Maria, vae-te deitar.

Minha mãe cuida que eu durmo
E eu ando por lá a namorar.

Agostinho Fortes, no *C. Tras-
tagano*, canção n.º 3, diz:

Minha mãe logo á noite,

«Maria vae-te deitar!»

Ella pensa qu'eu que durmo:

Eu ando a namorar.

Em 1885, *Canc. Minhoto*, in
Revista do Minho, pag. 65, e can-
ção n.º 96, publicamos nós uma
que é:

Minha mãe logo á noite,

Maria *bai-te* deitar?—

Ella pensa qu'eu que durmo:

Eu ando a namorar.

Ora vejam que miscellanea
esta, que significa tudo isto?

E mais abaixo em outra can-

ção que tem o n.º 12, diz Arman-
do da Silva:

Esta noite sonhei eu

Um sonho bem divertido:

Que tinha na minha cama

A forma do teu vestido.

Em 28 de fevereiro de 1888,
no n.º 12 da *R. do M.*, publicamos
nós a seguinte quadra que tem o
n.º 200:

Esta noite sonhei eu

Um sonho bem atrevido:

Sonhei ter na minha cama

A forma do teu vestido...

O sr. Armando do Silva tem
a nossa *Revista* e porisso queira
verificar se é ou não verdade, a
nossa affirmativa.

E para fechar as conversas
com este nosso amigo, fazemol-
o com a transcripção da ultima
quadra da sua *amostra da poe-
sia popular fundalense*, a qual
tambem parece ser extrahida de
uma collecção de canções de S.
João, do nosso amigo o snr. Anto-
Thomaz Pires, publicada no *El
Folk-lore Frexenense y Betico-
Extremenho*, de Fregenal, anno
de 1883 a 1884, pag. 202 (variante-
nota (1))—e que foi republicada
na nossa *Revista*, no n.º 10 vol.
V. de 1889—que diz assim:

No altar de S. João

Nascem rosas amarellas,

San João subiu ao ceu,

A pedir pelas donzellas.

e a sua quadra publicada diz:

No altar de S. João

Nascem rosas amarellas.

S. João subiu ao céu

A pedir pelas donzellas.

Fechou com chave de oiro o
nosso amigo a sua collecção, e
digam-nos que as canções que
se não parecem, que tem local

certo. Aqui à face dos livros é que se vê.

Creia o nosso bom collega Landolt, que na serie dos nossos artigos de resposta ás «Correcções», havemos de convencer-o para sempre, que nunca nos occupamos do plagiato ou da emitação, firmando como producto do nosso trabalho folk-lorico aquillo que pertence a outras investigações. E n'estes casos, o snr. Landolt, alem de se ter tornado menosattencioso por antigos collegas seus, que deveria conhecer pelas estreitas relações de amizade com que sempre se trataram, faltou a um sacratissimo dever de boa camaradagem, dando-nos insinuações que havemos de repellir com todas as forças da nossa justa indignação.

(Continúa)

José da Silva Vieira.



Chiromancia e cartomancia



Tudo se conhece pela mão de cada um, e é d'ahi que provém dizer-se ás vezes:

—Se isso está na sua mão!

Vamos, por exemplo, aos peccados mortaes.

Soberba:

Dedo cumprido, sêcco e agudo.

Avareza:

Mão extremamente dura, encarquilhada.

Luxuria:

Mão curta, gorda, lisa, molle, cheia de covinhas, dedos largos na base.

Ira:

Mão aspera e esverdeada de unha curta.

Inveja:

Mãos compridas e ossudas.

Preguiça:

Mão branca e macia.

A estes indícios de primeira ordem, citados gloriosamente nas obras elementares dos chiromantes, seguem-se as diferentes observações acerca das phalanges, e os dados preciosos que offerecem à experiencia o monte de Jupiter, a praia de Marte, o monte de Mercurio, o anel de Venus, *et cætera!*...

.....

Para saber deitar as cartas é necessario ser inspirado como nas magicas.

O seis de espadas quer dizer *más fallas*.

O vallete de oiros é o *amante*.

Cinco de copas, *lagrimas*.

Az de paus, *fandangos* (amores).

Sete de espadas, *desgosto formal*.

Az de ouros, *prendas, ou muitos dinheiros*.

Trez de copas, *com certeza*.

Dois de paus, *a caminho*.

Quatro de paus, *prisão*.

Espadilha, *affirmar*.

Disparate ou não disparate, tenho medo de cartas como de lume, e creio em todas estas coisas como em mim mesmo. Uma unica occasião em que cahi na peta de brincar com isso, fiquei incommodado por muito tempo a scismar no que me disseram esses fataes bonecos de papel, que, por acaso ou por fatalidade, d'essa vez advinharam certo.

Julio Cezar Machado.

O jogo da sorte é feito com um baralho de 40 cartas, tendo cada uma d'ellas esta significação:

Naipes de oiros

Az—uma *prenda*.

Dous—*brevemente ou poucos dinheiros*.

Trez—*com alegria, ou amizade*.

Quatro—*egreja.*

Cinco—*novidade.*

Seis—*dinheiros pequenos ou poucos dinheiros.*

Sete—*dinheiros grandes ou muitos.*

Naípe de copas

Az—*em casa, ou fandango.*

Dois—*uma carta*

Trez—*boas palavras, ou com brevidade.*

Quatro—*pela porta da rua.*

Cinco—*lagrimas.*

Seis—*ruas fora, ou por caminhos.*

Sete—*a hora de comidas e bebidas.*

Naípe de espadas

Az—(espadilha)—*affirma.*

Dois—*cortando ou embarcação.*

Trez—*más palavras, ou desvios.*

Quatro—*na cama ou noite.*

Cinco—*impossivel, doença ou tumba.*

Seis—*desvios ou más palavras.*

Sete—*paixão d'alma, ou desgosto.*

Naípe de paus

Az—*por noite, ou fandango.*

Dois—*caminhos vagarosos.*

Trez—*caminhos breves, ou ciu-
mes*

Quatro—*nesta casa, ou cama.*

Cinco—*com cinco sentidos.*

Seis—*Zelos, ou boas palavras.*

Sete—*com muito gosto.*

Dama de espadas—*mulher de má
lingua.*

Rei e Valete do mesmo naípe,—o corpo e o pensamento de um homem de justiça: advogado, juiz, procurador, ou esbirro.

Dama de oiros—*a pessoa que consulta as cartas. Rei e Valete do mesmo naípe,—o corpo e o pensamento d'aquelle de quem queremos saber alguma coisa; este é dama d'oiros a consultante, o*

rei e o valete o corpo e pensamento do consultado.

As demais figuras do baralho servem para marcar quaesquer pessoas que tenham de figurar na consulta; entendendo-se que os valeses representam os pensamentos marcados nos reis do mesmo naípe.

Antonio T. Pires.

Cancioneiro Minhoto

(Continuado do n.º 4 do 7.º anno)

(Recolhidas em Fão)

235

Eu fui aprender a ler,
Às ondas do mar la fora;
Não acabei de aprender
As falsidades d'agora.

236

Deste-me um anel de ouro,
Manelzinho lavrador,
E-me apertado no dedo
E-me largo no amor.

237

Meu amor foi para a India,
Não foi por nenhum ladrão,
Foi por dar abraços e beijos,
Na India também se dão.

338

O inferno não se fiz
Para semear ervilhas;
Foi para certos rapazes,
Que enganam as raparigas.

239

Amisade para contigo,
Para mim já s'acabou:
Já te podes vestir de lucto,
Que eu para ti já não sou.

(Continúa)

José da Silva Vieira.